

“SÁBADO 2”

Paulo Ribeiro - 1995

Este trabalho vive da repressão da energia sexual, e da sua confrontação com a fantasia romântica e religiosa que só encontra “redenção” numa espécie de sacrifício de auto-mutilação.

É um trabalho que tem uma carga erótica muito semelhante ao que se vivia, ou pelo menos eu vivi, no nosso passado de católicos, cheios de Nossa Senhora de Fátima e de Infernos meio orgásticos, meio redentores.

“Sábado 2” é uma obra essencialmente egoísta; o outro existe para dar relevo às nossas fantasias; compadecemos-nos a pensar que sofremos de amor, mas não passa de imaginação e convenção social. É aí que entra o texto, para dar relevo ao estereótipo das convenções sociais, à banalidade da palavra e até dos sentimentos, quase sempre fugazes e virtuais.

Resumindo, nesta peça tentei explorar o turbilhão vazio do indivíduo virado essencialmente para si próprio, tomando a ligação com o divino como espécie de energia redentora.

Paulo Ribeiro

CRÍTICAS

“(…) Sábado 2 é um bom começo da Companhia Paulo Ribeiro...”

Maria José Fazenda, Público, 4 de Junho de 1995

“(…) Sábado 2 surpreende, acima de tudo, pelo bom desempenho dos seus intérpretes. (...)”

António Laginha, Correio da Manhã, 4 de Junho de 1995

“(…) Um momento aplaudido de pé a trazer alguma esperança para o futuro da dança moderna nacional. (...)”

Cláudia Galhós, Blitz, 6 de Junho de 1995

“A luxúria não é divertida. Nem o amor. A paixão é dor. Os corações continuam a quebrar e a religião pouco faz para os consertar. (...) As pessoas que Ribeiro retratou torcem-se compulsivamente com desejos reprimidos. Mas graças à sua criatividade, a produção de 50 minutos foi mais viva do que melancólica. (...) A infelicidade sexual está longe de ser um tema novo na dança moderna. Contudo, a imaginação de Ribeiro faz desta viagem ao inferno uma aventura (...)”

New York Times, Jack Anderson, 13 Abril 1996

“(…) O espectáculo continua intercalado coreografia hiperactiva com acções sensuais que espelham os desejos e emoções dos intérpretes. A comédia tende para a luxúria. (...) o espectáculo no seu todo coloca o grupo de Ribeiro como uma das melhores aventuras contemporâneas portuguesas.”

Dance Europe, Emma Manning, Agosto / Setembro 1996 (nº 5)